

As aves brasileiras descritas na *Histoire de la nature des oyseaux* de Pierre Belon (1555)

Dante Martins Teixeira *

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de seus 47 anos de vida, Pierre Belon publicou uma dezena de livros, entre os quais avulta o relato de suas viagens – as *Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Iudée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges* (1553). Quanto à Zoologia, a *Histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin* (1551), o *De aquatilibus Libri duo* (1553) e a *Histoire de la Nature des Oyseaux* (1555) foram considerados marcos importantes, situando o naturalista francês como figura de destaque que deixou contribuições para a anatomia comparada e a embriologia.

Entre os estudiosos das Ciências Naturais do Renascimento, Pierre Belon seria um dos primeiros a descrever espécies de nossa fauna, precedendo a *Historia Animalium* de Conrad Gesner (1551-1587) e até mesmo o testemunho de cronistas como Hans Staden (1557), André Thevet (1557) e Jean de Léry (1578).

Conforme indica a relação na Tabela 1, a *Histoire de la Nature des Oyseaux* (Fig. 1) fala explicitamente de quatro aves brasileiras (Belon, 1555). O texto inclui um capítulo abrangente sobre os papagaios, periquitos e afins (Psittacidae), passagem que mescla representantes africanos, asiáticos e neotropicais de maneira um tanto confusa, embora seja possível distinguir alusões ao papagaio-do-congo, *Psittacus erithacus* Linnaeus, 1758, e ao periquito-de-coleira, *Psittacula krameri*

* Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, s/nº, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20940-040. E-mail: dante.teixeira@pq.cnpq.br

(Scopoli, 1769), além de vagas citações a exemplares trazidos do Brasil. Na verdade, o texto de Belon é muito claro em estabelecer que as aves provenientes de nosso país – exceção feita ao chamado pato-da-guiné – teriam chegado em solo francês graças à ação dos comerciantes que desafiavam o monopólio de Portugal e promoviam o contrabando dos “paus de tinta” e de outros produtos do além-mar.

Nome	Identificação proposta	Página
Pato-da-guiné	<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	Livro III, pp. 174-175
“Ave das novas terras”	<i>Ramphastos toco</i> Müller, 1776	Livro III, p. 184
“Pega do Brasil”	<i>Cacicus vela</i> (Linnaeus, 1758)	Livro VI, pp. 292-293
Papagaios e periquitos	Psittacidae	Livro VI, pp. 296-298
“Melro do Brasil”	<i>Ramphocelus bresilius</i> (Linnaeus, 1766)	Livro VI, p. 319

Tabela. 1. Aves brasileiras no livro de Pierre Belon.

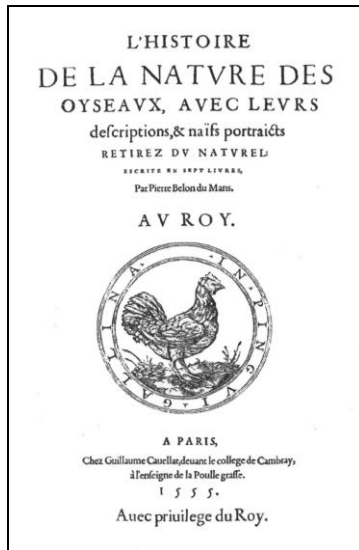


Fig. 1. Frontispício da *Histoire de la Nature des Oyseaux* (1555).

Natural de Soulletière, uma pequena vila nos arredores de Le Mans, França, Pierre Belon teria nascido em 1517 no seio de uma família bastante modesta. Mostrando extraordinária aptidão pela História Natural, seria aceito como aprendiz de René des Préz, o apotecário de Guillaume du Prat, Bispo de Clermont, tornando-se mais tarde *protégé* de René du Bellay, Bispo de Le Mans. Em 1540, graças a esse patronato, Belon conseguiria concluir o curso de medicina em Paris, passando em seguida para a Universidade de Wittenberg, onde se tornou pupilo do insigne botânico Valerius Cordus, participando de excursões pela Alemanha e Boêmia. Voltando a Paris, onde obteve o favor do cardeal Charles de Lorraine e do poderoso cardeal François de Tournon, o jovem naturalista francês logo viajaria para a Itália na tentativa de reunir-se novamente com Valerius Cordus. Como este viria a falecer em Roma no ano de 1544, Belon terminou por regressar à capital francesa, após passar algum tempo na Universidade de Pádua e em pequenas incursões pelo norte da península (Fig. 2).

Graças ao apoio do cardeal Tournon, seu mais importante protetor, Pierre Belon conseguiu realizar o sonho de viajar para o Oriente como integrante da comitiva de Gabriel de Luetz d'Aramont, embaixador de François I, Rei de França.



Fig. 2. Pierre Belon. Fonte: Gravura de Ambroise Tardieu baseada em original das “Observations de Plusieurs Singularitez et Choses Memorables, trouvées en Grece, Asie, Judée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges”.

Além de buscar alianças políticas e comerciais, d'Aramont daria respaldo a uma “missão científica” encarregada de estudar as plantas e outros produtos úteis para a medicina, avaliando as possibilidades de importação e até mesmo da aclimação de diferentes espécies do Levante. Partindo em dezembro de 1546, os viajantes conseguiriam embarcar nesse mesmo mês de Veneza para Constantinopla. Já em seu destino, Belon visitaria Corfu, Creta, Lemnos e Thasos, escalaria o monte Atos e percorreria a Trácia e a Macedônia, detendo-se no litoral do Bósforo em agosto de 1547.

Sucedendo François I no trono francês, Henri II nomearia François de Fumel como embaixador extraordinário junto à Sublime Porta. Tendo alcançado Constantinopla em julho de 1547, o novo diplomata decidiu visitar o Egito, sendo acompanhado por Pierre Belon. Após uma breve passagem pela Cirenaica, Belon exploraria o Sinai e o Mar Vermelho, atingindo Jerusalém em outubro de 1547. No retorno passaria pela Síria, Cilícia, Galácia e Bitínia até Constantinopla, de onde tomou um navio para a Itália, concluindo uma viagem de três anos. Pierre Belon chegou a Roma em 1549, encontrando o cardeal de Tournon e os naturalistas Guillaume Rondelet e Ippolito Salviani. De volta à França, Belon aproveitaria a oportunidade para visitar localidades na costa adriática. Logo partiria de Paris para a Inglaterra, hospedando-se com o embaixador de Veneza, Daniele Barbaro, que lhe permitiu copiar uma iconografia formada por mais de 300 ilustrações de peixes do Adriático. Sua última grande excursão ocorreu em 1557, tendo como destino a Suíça, Itália e vários pontos no interior de seu país natal.

Entre 1551 e 1558, Pierre Belon dedicar-se-ia a publicar as obras que lhe garantiriam considerável fama. Em 1556, como reconhecimento por seu trabalho, o rei Henri II indicou Belon como beneficiário de uma pensão de 200 escudos e garantiu-lhe residência no *Château de Madrid*, edifício situado no *Bois de Boulogne*. O naturalista francês, entretanto, nunca chegou a receber o estipêndio prometido, vivendo com dificuldade. Em abril de 1564, quando cruzava o bosque para

visitar seu amigo Jacques du Breuil, em Paris, acabou sendo assassinado por presumíveis salteadores, crime misterioso que permaneceu sem solução¹.

2 TRADUÇÃO²: PIERRE BELON, *A HISTÓRIA DA NATUREZA DAS AVES*

2.1 Livro III

Capítulo XIX: Do corpulento pato-da-guiné³

Não faz muito tempo que começaram a manter e criar, em nossa França, uma variedade de pato encorpado cujo porte medeia o de um ganso e de um pato⁴. Não faz barulho ao gritar, pois sua voz é rouca e faz com que ele pareça ter os pulmões feridos. Já se encontra em tão grande quantidade por todas as nossas regiões que agora se cria pelos vilarejos e até começaram a ser vendidos publicamente pelas feiras para serem servidos em festas e casamentos. Este pato tem pernas curtas, sendo o macho maior que a sua fêmea. Assim como há muitas aves tão inconstantes na cor da plumagem, tanto o macho é negro, branco ou de diversas cores mescladas, quanto a fêmea é de uma cor e o macho de outra. De modo que dirão a esse respeito que tanto o macho é branco quanto a fêmea é branca, tanto todos dois são negros quanto de diversas cores. Não se pode, portanto, descrever bem as suas cores, senão que são semelhantes às de um pato. São

¹ Certos detalhes da vida de Pierre Belon são motivo de controvérsia, o que explica as diferenças observadas entre os vários autores. Para maiores detalhes, vide Crié (1883a, 1883b), De Wit (1992-1994), Delaunay (1923, 1926a, 1926b, 1962), Gudger (1934), Legré (1901), Letessier (1975), MacGillivray (1834), A. Merle (*in* Belon, 2001), Mesnard (1973), Miall (1912), Morren & Crié (1885), Papavero *et al.* (1975) e Tricot (2004), bem como o “Sketch of Pierre Belon with portrait” (1889).

² BELON, Pierre. *L’histoire de la natvre des oyseaux, avec leurs descriptions, & naïfs portraits retiréz du natvrel*. Paris: Guillaume Cauellat, 1555. Ver trechos traduzidos na Tabela 1.

³ “De la grosse Cane de la Guinee” no original.

⁴ “Vne manière de Cane trape en nostre France, qui est de moyēne corpulēce entre vne Oye & vn Canard,” no original. Belon utiliza “cane” (literalmente “pata”), ao lado de “oye” (“ganso”) e “canard” (“pato”). A julgar pelas demais passagens do texto, o naturalista francês pretendia referir-se às formas caseiras do ganso-comum, *Anser anser* Linnaeus, 1758, e do pato-doméstico, *Anas platyrhynchos* Linnaeus, 1758.

comumente negros e mesclados de diversas outras cores. Seu bico, fora do costumeiro em patos e gansos, é curvado na ponta e – além disso – curto e largo, tendo uma espécie de crista vermelha não à feição de um galo, mas como uma tuberosidade (isto é, como um inchaço ou proeminência entre as duas aberturas do bico pelas quais a ave respira) da qual se dirá mais propriamente que é como uma cereja vermelha. Eles não têm penas nos dois lados da cabeça e ao redor dos olhos, mas sim uma sorte de pele vermelha da mesma natureza da dita “cereja” que leva acima dos olhos. Esta é uma marca suficiente para dar a conhecer de qual ave pretendemos falar. É surpreendente saber que semelhante ave possui um membro genital tão grande que é da grossura de um dedo encorpado – do comprimento de quatro a cinco dedos⁵ – e vermelho como o sangue. Se não fosse tão dispendioso, seria muito mais criado do que se faz, porque se dedica a comer tanto o quanto possa. Põem muitos ovos e em pouco tempo têm uma grande quantidade de filhotes, mas existe o temor de alimentá-los pela excessiva despesa que causam. Sua carne não é nem pior nem melhor que a de um pato ou ganso de casa [Fig. 3]⁶.



Fig. 3. Gravura da “Cane de la Guinee”. Fonte: Belon, 1555.

⁵ Entre 8 cm e 10 cm.

⁶ Na parte superior na figura observa-se a inscrição: “Nous luy auons imposé ce nom Grec Nitta libiki, & Ana libica en Latin, Cane de la Guinee en Françoys”, enquanto na parte inferior consta “Nitta libiki” escrita em grego. Para maiores detalhes sobre a suposta origem africana dessa espécie, vide Donkin (1989).

Capítulo XXVIII: Do bico de uma ave das novas terras, desconhecidas dos autores da Antiguidade⁷

Aqueles que navegam às novas terras obtêm seu lucro de todas as coisas, trazendo o que encontram de bom para ser vendido aos comerciantes. Ora, existe uma ave nesses países que possui o bico com meio pé de comprimento⁸, grosso como o braço de uma criança, pontudo e negro na ponta, porém branco em todas as outras partes e um pouco chanfrado nas bordas. Ele é oco por dentro, sendo tão finamente delgado que é transparente e tênue como pergaminho – e por isso muito leve. Sua beleza faz com que se vejam vários nos gabinetes dos homens curiosos das coisas novas, porque para o restante ele não serve para nada. Nós não vimos a ave que o possui e não podemos dizer coisa alguma, exceto que suspeitamos que possa ter os pés palmados – e por isso a colocamos nesse sítio, entre as aves aquáticas. Para mostrar o que é esse bico, aqui colocamos a figura. Entre todas que temos observado, ela é a única na qual não vemos narinas⁹ [Fig. 4]¹⁰.

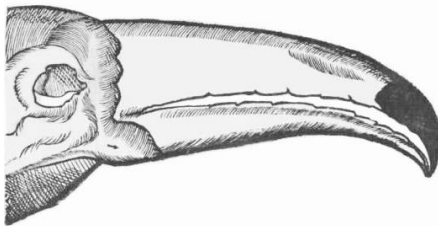


Fig. 4. Gravura do “Bec d’oyseau apporté des terres neufes”.

Fonte: Belon, 1555.

⁷ “Du bec d’vn oyseau des terres neufues, incognu aus anciens” no original. Ausente do Livro Sagrado e da obra de autores clássicos – os “anciens” de Belon – o continente americano terminaria sendo chamado de “Novo Mundo” (“*Novus Orbis*”) pelo cronista italiano Pietro Martire de Anghiera.

⁸ Cerca de 15 cm.

⁹ “Il est seul entre tous ces qu’auons observez, à qui n’ayons veu conduicts pour odorer” no original. Nos tucanos, os orifícios respiratórios são bastante discretos e estão situados na base do cúlmen.

¹⁰ Na parte superior na figura observa-se a inscrição: “Portrait d’vn bec d’oyseau apporté des terres neufes”.

2.2 Livro VI

Capítulo IX: Da pega do Brasil¹¹

Não possuindo autoridade bastante de poder impor um nome francês a uma ave que não possui nenhum, parece ser suficiente deixar-lhe aquele que ouvimos dizer por aqueles que a trouxeram, os quais a denominaram de pega do Brasil. Tal como a pega (que é toda negra nas partes inferiores do corpo, só tendo branco sob as asas e no baixo ventre), esta ave (cuja corpulência é um pouco menor que a da pega) é igualmente toda negra, exceto por uma linha amarela que há sob as asas (como aquela de uma pega, que a possui branca) e também é toda amarela para além da metade do dorso até o uropígio e parte da cauda. Por outro lado, é de um negro muito acentuado nas coxas, embaixo no ventre e na cabeça. Tem o bico, agudo, alongado e pontudo, branco e cinzento. Suas pernas e pés são negros com unhas bem fortes e curvadas, motivo pelo qual poderia se pensar tratar-se de ave de rapina, não fosse o fato de que seu bico não é adunco. No todo é uma ave muito bela, algo maior que um melro¹² e muito distinta da pega, pelo que representamos aqui sua figura. Os autores da Antiguidade não a conheciam, pois nós a trouxemos recentemente do Brasil [Fig. 5]¹³.



Fig. 5. Gravura da “Pie de Bresil”. Fonte: Belon, 1555.

¹¹ “De la Pie de Bresil” no original. A julgar pelas demais passagens do texto, “pie” seria a pega européia, *Pica pica* (Linnaeus, 1758).

¹² “Merle” no original. Vide nota 30.

¹³ Na parte superior na figura observa-se a inscrição: “Pie de Bresil”.

Capítulo XII: Dos papagaios e periquitos¹⁴

O papagaio é também chamado periquito, mas tal nome lhe é imposto por causa de sua pronúncia¹⁵. Nós conhecemos atualmente mais espécies de aves vindas de países longínquos que no passado, pois a terra tornou-se muito mais frequentada pelas navegações do que antes. Isso é evidente pelas diversas espécies de papagaios que nós estamos agora a trazer tanto do Brasil quanto de outros lugares¹⁶. Aqueles de antigamente também nomeavam de Índia o que nós chamamos hoje de Brasil¹⁷. Plínio, no quadragésimo segundo livro da *Historia Naturalis*, escreveu: “As aves imitam, além de tudo, as vozes humanas e os papagaios, de fato, na verdade falam. Esta ave procede da Índia e ali a chamam de ‘*psittacus*’. Seu corpo é todo verde, distinguindo-se apenas um colar avermelhado no pescoço”¹⁸. De maneira que o papagaio descrito por Plínio – o qual nunca vimos senão em pintura – possuía um colar vermelho. Contudo, atualmente nós conhecemos papagaios grandes e pequenos, cinzentos, vermelhos e de

¹⁴ “Des Papegaux, & Perroquets” no original.

¹⁵ “Le Papegay est aussi nommé vn Perroquet: mais tel nom luy a esté imposé à cause de sa prononciation” no original.

¹⁶ O texto não permite identificar a quais “papagaios do Brasil” pretende referir-se o autor. A julgar por fontes iconográficas, espécies como a arara-vermelha, *Ara chloropterus* Gray, 1859, e o papagaio-verdadeiro, *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758), já eram conhecidas na Europa durante a primeira metade do século XVI.

¹⁷ “Lon trouue que les anciens nommoient aussi Indie, ce que nous appellons mainenãt le Bresil” no original. Em meados do século XVI, ainda restavam muitas dúvidas sobre a separação da Ásia e o Novo Mundo, detalhe capaz de explicar a curiosa assertiva do autor. Não obstante, vale lembrar que as “Índias Ocidentais” – o continente americano – eram totalmente desconhecidas na Antiguidade (vide nota 6).

¹⁸ “Super omnia humanas voces reddunt Psittaci, quidam etiam sermocinantes. India hanc auem mittit. Psittacem vocat viridem toto corpore, torque tantum miniato in ceruice distinctam” no original. Ao longo dos séculos, a *Historia Naturalis* seria objeto de incontáveis versões, detalhe que explica as distintas referências fornecidas pelos vários autores. Nas edições mais recentes (Plínio, 1979-1984), tal sentença pertence ao Livro X e apresenta algumas poucas diferenças: “Super omnia humanas voces reddunt, psittaci quidem etiam sermocinantes. India hanc auem mittit, psittacem vocat, viridem toto corpore, torque tantum miniato in ceruice distinctam”. Trata-se provavelmente do periquito-de-coleira, *Psittacula krameri*, espécie conhecida pelos romanos (vide Toynebe, 1973).

diversas outras cores, os quais se tornaram tão notórios que oferecemos apenas a figura de um dos grandes e – consequentemente – de um pequeno. Assim como são diferentes em corpulência e cores, também são trazidos de diversos países. O mais admirável, porém, é que tenham vozes distintas, pois uns possuem-na áspera e outros agradável.

Nós descrevemos o papagaio antes dos pica-paus verdes¹⁹, pois eles também possuem as pernas curtas e os dedos dos pés divididos ao meio – dois para frente e dois para trás. Também seguram seu alimento com um pé alçado no ar e levam-no ao bico à maneira das aves de rapina. Plínio, no quadragésimo segundo capítulo do décimo livro da *Historia Naturalis*, quase segue o que Aristóteles falou do papagaio no duodécimo capítulo de seu nono livro dos animais, tendo dito: “Como também é a ave da Índia cujo nome é ‘psittacus’, conforme eles falam”²⁰. Aristóteles parece não tê-lo visto nunca, pois se ele o houvesse visto, não teria escrito “conforme eles falam”²¹. Nesse texto, onde ele coloca “torna-se ainda mais insolente após beber vinho”²², diz “especialmente lascivo sob os efeitos do vinho”²³. Os selvagens do Brasil, que possuem grande habilidade em atirar bem com arco, têm flechas muito longas em cuja extremidade colocam

¹⁹ “Pics verds” no original. Belon distingue o “pic vert, le plus grand” *Dryocopus martius* (Linnaeus, 1758), o “pic verd rouge”, *Dendrocopos major* (Linnaeus, 1758), e o “pic verd” ou “pic verd jaune”, *Picus viridis* Linnaeus, 1758. Parece razoável supor que o texto pretenda mencionar essa última espécie.

²⁰ “Nam & Indica auis, cui nomen Psittace, quam loqui aiunt” no original. Trata-se da tradução latina dos breves comentários de Aristóteles sobre o formato da língua e a capacidade de imitação das aves em geral. A exemplo do que ocorre com a *Historia Naturalis* (vide nota 18), a *História dos Animais* também seria objeto de inúmeras versões, detalhe que explica as distintas referências fornecidas pelos vários autores. Nas edições mais recentes (Aristóteles, 1965-1991), tal frase pertence ao Livro VIII.

²¹ “Quem loqui aiunt” no original, trecho com óbvio erro tipográfico (vide nota anterior). Ao contrário do que pretende Belon, essa passagem em absoluto sugere que Aristóteles não teria visto um periquito-de-coleira.

²² “Loquacior, cùm biberit vinum, redditur” no original. Excerto do Livro VIII da *História dos Animais* (vide nota 20).

²³ “In vino praecipuè lasciuat” no original. Excerto do Livro X da *Historia Naturalis* (vide nota 18).

uma bola de algodão, a fim de que – ao atirar nos papagaios – possam abatê-los sem feri-los, para que não deixem de se recuperar depois de aturdidos pelo golpe²⁴. A natureza deu-lhes um forte bico para quebrar as cascas dos duros frutos dos quais vivem quando em liberdade, mas cativos comem toda a sorte de alimentos que lhes seja oferecida. Assim como é voz comum que a semente do heléboro não faz mal quando comida pelas codornas²⁵, nem aquela da cicuta aos estorninhos²⁶, também os papagaios podem nutrir-se comodamente da semente de *Carthamus* que, no entanto, serve de purgante ao homem²⁷. Os papagaios cinzentos são os maiores²⁸. Aqueles que são entremeados de vermelho são os medianos, mas os verdes são os menores, não possuindo outra cor sobre eles que a da verdura. Têm a cauda muito longa e não excedem um estorninho em corpulência. Existem diferenças entre eles, sendo os maiores chamados de papagaios e os outros de periquitos, que são pequenos e verdes [Figs. 6 e 7]²⁹.

²⁴ Talvez a primeira alusão às flechas especiais empregadas pelos tupinambás para capturar aves vivas, artefato engenhoso que despertaria a atenção de vários cronistas. O trecho em questão ajuda a indicar como as informações sobre os indígenas brasileiros já circulavam na França durante a primeira metade do século XVI.

²⁵ “Et tout ainsi comme le commun bruit est, que la semence de l’Hellebore ne nuit aux Cailles, quand elles en mangent” no original. Enquanto a “caille” de Belon não passa da codorna européia, *Coturnix coturnix* (Linnaeus, 1758), o “hellebore” apresenta-se bem mais difícil de identificar. Parece razoável, contudo, que o naturalista francês tivesse a intenção de mencionar algum representante do gênero *Helleborus* (Ranunculaceae), grupo bem conhecido por apresentar diversas espécies venenosas.

²⁶ “La Cicuë aux Estourneaux” no original. Breve alusão ao estorninho-comum, *Sturnus vulgaris* Linnaeus, 1758, e à cicuta, *Conium maculatum* (Apiaceae).

²⁷ “Aussi les Papegaux peuuent estre nourriz commodement de la semence de *Carthamus*, qui toutesfois est au lieu de purgation à l’homme” no original. Provável alusão ao cártamo, *Carthamus tinctorius* (Asteraceae).

²⁸ Provável referência ao papagaio-do-congo, *Psittacus erithacus*.

²⁹ Na parte superior da primeira figura observa-se a inscrição: “Psittaki & Psittacos en Grec, *Psittace* & *Psittacus* en Latin, grand Papegaut en François”, enquanto a inferior mostra a sentença de Aristóteles (vide nota 20), escrita em grego. Sobranceira à segunda figura encontra-se a frase “*Psittacus minor viridis* en Latin, Petit Perroquet vert à la queue longue en François”.



Fig. 6. Gravura do “Papegaut”. Fonte: Belon, 1555.



Fig. 7. Gravura do “Perroquet”. Fonte: Belon, 1555.

Capítulo XXVI: Do melro do Brasil³⁰

Aqueles que fazem o tráfico de mercadorias das novas terras não perdem a ocasião de reunir as singularidades que pretendem vender por aqui. Mesmo que não possam trazer as aves daquele país vivas em seus navios, escorcham-nas para obter as peles, principalmente aquelas que possuem as mais belas cores. Entre estas está a que descrevemos agora, da qual os marinheiros obtêm seus lucros e lhe dão o nome de melro do Brasil. Ela não é maior que um melro e tem as plumas de todo o corpo, exceto as da cauda e asas (que são de um belo negro), mais vermelhas que qualquer outro vermelho. É impossível que o engenho humano pudesse produzir um colorido vermelho que não fosse apagado quando comparado ao de suas plumas. Sua cauda é longa, seus pés e pernas são negros. Seu bico é curto – à figura daquele de um pardal³¹ – e suas plumas vermelhas são negras na base. Houve poucas que chegaram vivas até nossas costas, mas encontram-se várias peles inteiras que podem ser comparadas com a gravura que damos aqui, tão perfeita como se a ave estivesse cheia de vida [Fig. 8]³².

AGRADECIMENTOS

Cumpro agradecer a Nelson Papavero (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo) pelos comentários apresentados. Vale destacar ainda o apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) às pesquisas realizadas pelo autor durante os últimos anos.

³⁰ “Du Merle de bresil” no original. Belon utiliza “merle” para nomear tanto representantes dos Turdidae quanto dos Muscicapidae, distinguindo o “merle au collier”, *Turdus torquatus* Linnaeus, 1758, o “merle noir”, *Turdus merula* Linnaeus, 1758, e o “merle azul”, *Monticola solitarius* (Linnaeus, 1758), além de mencionar como “merle blanc” os indivíduos albinos de *Turdus merula*. Parece razoável supor que o texto pretenda referir-se a essa última espécie.

³¹ “Moynéau” no original. Embora Belon atribua esse nome a diversas espécies, trata-se provavelmente do “moynéau de ville”, *Passer domesticus* (Linnaeus, 1758), conforme se depreende de várias passagens da *Histoire de la nature des Oyseaux* (Belon, 1555).

³² Na parte superior da primeira figura observa-se a inscrição: “Merle de bresil”.



Fig. 8. Gravura do “Merle de Bresil”. Fonte: Belon, 1555.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *History of Animals*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1965-1991.
- BELON, Pierre. *L'histoire naturelle des estranges poissons marins, avec la vraie peinture & description du Daulphin, & de plusieurs autres de son espece*. Paris: Regnaud Chaudiere, 1551.
- . *Les observations de plusieurs singlaritez et choses memorables, trouuées en Grece, Asie, Indée, Egypte, Arabie, & autres pays estranges, redigées en trois liures, par Pierre Belon du Mans*. Paris: Guillaume Cauellat, 1553 (a).
- . *De aquatilibus, Libri duo*. Parisiis: Gulielmum Cauellat, 1553 (b).
- . *L'histoire de la nature des oyseaux, avec leurs descriptions, & naïfs portraits retirez du naturel*. Paris: Guillaume Cauellat, 1555.
- . *Voyage au Levant: les observations de Pierre Belon du Mans*. Paris: Editions Chandeigne, 2001.
- CRIÉ, Louis. Les voyages de Pierre Belon et l'Égypte au XVI^e siècle. *Revue Scientifique*, 4 (7): 197-203, 1883 (a).
- . Pierre Belon du Mans et son oeuvre. *Bulletin de la Société Philotechnique du Maine*, 3 (3): 121-125, 1883 (b).

- DE WIT, Hendrick C. D. *Histoire du développement de la Biologie*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, 1992-1994.
- DELAUNAY, Paul. Les voyages en Angleterre du médecin naturaliste Pierre Belon. *International Congress of the History of Medicine*, 3. London, 1922. Pp. 306-308, in: *Proceedings ...* Anvers: Imprimerie De Vlijt, 1923.
- . *L'aventureuse existence de Pierre Belon du Mans*. Paris: Edouard Champion, 1926 (a).
- . *Pierre Belon, naturaliste*. Le Mans: Imprimerie Monnoyer, 1926 (b).
- . *La zoologie au seizième siècle*. Paris: Hermann, 1962.
- DONKIN, Robert A. *The Muscovy Duck, Cairina moschata domestica: origins, dispersal, and associated aspects of the geography of domestication*. Rotterdam: A.A. Balkema, 1989.
- GESNER, Conrad. *Historiae Animalium Lib. I. de Quadrupedibus uniparis*. Tigvri: Chist. Froshovervm, 1551.
- . *Historiae Animalium Liber II. de Quadrupedibus Oviparis. Adiectae sunt nouae aliquot Quadrupedum figurae, in primo libro de Quadrupedibus uniparis desideratae, cum descriptionibus plerorumque breuissimis*. Tigvri: C. Froshovervs, 1554.
- . *Historiae Animalium Liber III. qui est de Anium natura*. Tigvri: Christoph. Froshovervm, 1555.
- . *Historiae Animalium Liber IIII. qui est de Piscium & Aquatiliu animantium natura*. Tigvri: Christoph. Froshovervm, 1558.
- . *Historiae Animalium Lib. V. qui est de Serpentium natura*. Tigvri: Officina Froshoviana, 1587.
- GUDGER, Eugene W. The five great naturalists of the Sixteenth Century: Belon, Rondelet, Salviani, Gesner and Aldrovandi: a chapter in the History of Ichthyology. *Isis*, 22: 21-40, 1934.
- LEGRÉ, Ludovic. *La Botanique en Provence au XVI^e Siècle*. Marseille: H. Aubertin & G. Rolle, 1901.
- LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique*. La Rochelle: Antoine Chuppin, 1578.
- LETESSIER, Fernand. Vie et survivance de Pierre Belon. *Colloque Renaissance-Classique du Maine*, Le Mans, 1975. Pp. 107-128, in: *Actes ...* Paris: Librairie A. G. Nizet, 1975.

- MacGILLIVRAY, William. *Lives of eminent zoologists, from Aristotle to Linnaeus*. Edinburgh: Oliver & Boyd, 1834.
- MESNARD, Pierre. L'Horizon zoologique de la Renaissance. Pp. 197-205, in: BUCK, August et al. (Ed.). *Les sciences de la Renaissance*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1973.
- MIALL, Louis C. *The Early Naturalists, their lives and work*. London: Macmillan, 1912.
- MORREN, Édouard; CRIÉ, Louis. A la mémoire de Pierre Belon du Mans, 1517-1564. *La Belgique Horticole*, **35**: 5-16, 1885.
- PAPAVERO, Nelson; LLORENTE-BOUSQUETS, Jorge; ESPINOSA-ORGANISTA, David. *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el Siglo de las Luces*. Volumen III. De Nicolás de Cusa a Francis Bacon. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, 1975.
- PLÍNIO, O VELHO. *Natural History*. Cambridge, MA: Harvard University Press & William Heinemann, 1979-1984.
- SKETCH OF PIERRE BELON WOTH PORTRAIT. *Popular Science Monthly*, **34** (March): 692-696, 1889.
- STADEN, Hans. *Warhaftige Historia vnd beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt America gelegen, vor vnd nach Christi geburt im Land zu Hessen vnbeant, biss vff dise ij. nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, vnd yetzo durch den truck an tag gibt*. Marpurg: Andress Kolben, 1557.
- THÉVET, André. *Les singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique: & de plusieurs Terres & Isles decouuertes de nostre temps*. Paris: Maurice de la Porte, 1557.
- TOYNBEE, Jocelyn M. C. *Animals in Roman life and art*. London: Thames & Hudson, 1973.
- TRICOT, Jean-Pierre. Le voyage en 1547 à Stamboul du médecin naturaliste Pierre Belon du Mans. *Histoire des Sciences médicales*, **38** (2): 191-198, 2004.

Data de submissão: 14/12/2012

Aprovado para publicação: 09/02/2013